

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

CAROLINE DAMAZIO DA SILVA

**RACISMO E A PRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: IMPACTOS NA
SUBJETIVIDADE DA CRIANÇA NEGRA NO BRASIL**

Porto Alegre
2016

CAROLINE DAMAZIO DA SILVA

**RACISMO E A PRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: IMPACTOS NA
SUBJETIVIDADE DA CRIANÇA NEGRA NO BRASIL**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a
conclusão do Curso de Graduação em Psicologia
pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Raquel da Silva Silveira

Porto Alegre
2016

CAROLINE DAMAZIO DA SILVA

**RACISMO E A PRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: IMPACTOS NA
SUBJETIVIDADE DA CRIANÇA NEGRA NO BRASIL**

Trabalho final, apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Porto Alegre, 20 de Novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Raquel da Silva Silveira (UFRGS) - Orientadora

Psicóloga Deise Cardoso Nunes – Debatedora

AGRADECIMENTOS

Aos Orixás, que com suas bênçãos tornaram esse momento possível.

Ao curso preparatório para o vestibular, popular, Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC) que guiou os primeiros passos e forneceu os subsídios necessários para meu ingresso na Universidade, devo destacar o Coordenador do Curso José Humberto Martins Borges, dono do discurso que me motivou e me deu real esperança de passar nessa prova tão difícil e fria que é o vestibular.

Ao Coletivo de estudantes negros Negração, que me manteve firme e me deu forças para suportar e encarar todas as adversidades e hostilidades vividas durante a graduação, a partir de encontros que possibilitaram trocas de energia entre nós que nos restauravam para que continuássemos nossa luta.

A todos os profissionais com os quais tive o prazer de trabalhar em meus estágios, que não foram poucos, em cada um deles aprendi muito e, com certeza, esses ensinamentos permanecerão por toda minha trajetória profissional.

Aos meus amigos que permaneceram ao meu lado, mesmo com algumas faltas de minha parte, decorrentes ao ritmo que a Universidade exige. Bem como aqueles que por vezes não mediram esforços para que eu alcançasse a aprovação no final de semestre, dedicando seu tempo para cuidar do meu filho, para que eu pudesse concluir meus trabalhos, como as queridas Gabriela Senna e Tamara Tubino.

Aos familiares que acreditaram em mim desde o dia do “listão”, depositando confiança em minha trajetória. Aqueles que emprestaram seus ouvidos para cada queixa em relação ao fim do semestre, ou aqueles que me permitiram praticar os mais variáveis debates e reflexões, como uma extensão do que eu via em aula.

Aos meus colegas, irmãos e amigos Alisson Batista e Jessyca Barcellos, que tornaram o ambiente acadêmico mais acolhedor, agradável e bonito. Com quem eu dividi as angústias, medos e incertezas desde o início, quando tudo ainda era dúvida, quando a certeza de não concluir era maior do que qualquer convicção, foram os pilares que sustentaram minha permanência na Universidade, não soltando a minha mão me mantiveram de pé, e se houve a queda possibilitaram sustento para que eu me reerguesse. E as flores negras que brotaram no jardim da psicologia no decorrer de minha caminhada, sendo fonte inesgotável de amor e amizade Irimara Gomes, Andressa Moraes e Liziane Guedes.

Ao meu namorado, Horácio Lopes de Moraes, dono do carinho, dedicação e paciência que me confortaram nos períodos mais difíceis da conclusão do curso, permanecendo ao meu

lado em minhas decisões e minhas incertezas. Me mantendo no foco, cuidando de mim, de minha saúde física, mental e espiritual.

Aos meus avôs e avós, Marino Damazio e Reinaldo Corrêa (em memória) e Eva Rodrigues Damazio e Otalina Corrêa que sempre foram exemplo de amor, dignidade e coragem em minha vida.

Aos meus pais, Amarildo Damazio e Sandra Regina Damazio que me dedicam amor incondicional e confiança em minhas escolhas, sendo os responsáveis diretos por esse momento ter chegado. Serei eternamente grata a todo cuidado, todo carinho, todo amor, sem eles eu nada seria, são com certeza o meu orgulho e os exemplos de pessoas que sempre seguirei.

Ao meu filho Henrique Damazio de Farias e a minha irmã Nicolle Damazio, os quais são os motivos de eu querer buscar sempre mais. Suas existências são como um combustível em minha vida, que me enche de energia para seguir lutando.

A minha professora Orientadora, Raquel Silveira, por toda dedicação a este trabalho, por toda a paciência com minhas resistências e principalmente por não desistir quando eu mesma não estava focando em minhas metas. Foi sensível a todas as minhas demandas, me orientando de forma objetiva e respeitosa.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma estiveram presentes e torceram por minha chegada ao fim desse percurso.

Meu muito obrigada!

RESUMO

O racismo continua sendo um potente atravessador na produção de subjetividade do povo brasileiro. De acordo com Maria Lucia Silva (2004), o racismo altera os processos de subjetivação e de autoconceito da pessoa negra, desvalorizando a sua autoimagem, provocando um sentimento de inferioridade. Nessa direção, este trabalho aborda o quão forte é a interferência dos estereótipos na vida da pessoa negra. Objetivando discutir principalmente os impactos do uso de estereótipos na subjetividade de crianças negras. A estereotipização é um fator constantemente presente na vida da pessoa negra, visto que desde a infância são poucos os referenciais positivos que as mesmas encontram para a identificação. Seus semelhantes que seriam fonte de inspiração, vistos na televisão, cinema, livros infantis, ente outros se referem a pessoas de classe baixa, sem grandes perspectivas, assumindo papéis de figuração, ou quando pertencem a uma classe social mais alta podendo gozar de algum protagonismo, são comumente ligados a profissões e papéis específicos na sociedade (jogadores de futebol ou músicos). O referencial teórico-metodológico deste trabalho é composto pela analítica de poder de Michel Foucault, bem como as teorias das relações raciais de Neusa Santos Souza, Maria Helena Zamora, Carlos Moore. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que investigou publicações da psicologia em revistas científicas indexadas, bem como publicações em sites de organizações que atuam na luta contra o racismo. O que se pôde perceber a partir deste trabalho, é que mesmo que crescente, a produção referente ao uso de estereótipos e seus impactos na saúde mental infantil ainda é escassa, o racismo é discutido enquanto problema social, entretanto seus efeitos na infância e juventude são pouco explorados no mundo acadêmico psicológico. Realidade preocupante que nos impulsiona a questionar sobre a formação e o compromisso social do psicólogo.

Palavras-chaves: Estereótipos, Relações Raciais, Saúde Mental, Infância, Subjetividade Negra.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 APRESENTAÇÃO | 8 |
| 2 INTRODUÇÃO | 10 |
| 3 CONTEXTUALIZANDO O RACISMO..... | 14 |
| 4 RACISMO E INFÂNCIA: A SUBJETIVIDADE DA CRIANÇA NEGRA | 17 |
| 5 PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS..... | 22 |
| 6 USO DE ESTEREÓTIPOS NO BRASIL E SEUS IMPACTOS NAS CRIANÇAS NEGRAS: FORMAS DE DOMINAÇÃO E RESISTÊNCIA..... | 24 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 32 |

1 APRESENTAÇÃO

Porque escrever sobre racismo?

Recordo-me de uma viagem que fiz com meus pais, cujo destino era Gramado. Fomos em um ônibus de excursão composto pela equipe de trabalho do meu pai. As lembranças não são extremamente nítidas, já que o ano era entre 1992 a 1994, quando eu tinha no máximo cinco anos. Meu pai estava com uma inflamação na garganta e sua voz era escassa, quase inaudível. Durante o trajeto comecei a perceber um descontentamento vindo de meu pai, entre as tentativas de acalmá-lo de minha mãe. Então comecei a prestar atenção no que estava ocorrendo e depois do acontecido, entre as conversas dos dois, pude constatar que a inquietação de meu pai se devia ao fato de seus colegas estarem contando piadas racistas. O que era racismo? Por que ter a pele preta era motivo de ridicularização? Foi aí que eu percebi que ser negro era ser diferente, era ser exposto a situações desagradáveis mesmo quando se estava quieto com sua família, fazendo uma viagem.

Meu pai não teve direito a resposta, minha mãe não sabia como agir diante de tal humilhação, e por anos a vergonha do ocorrido me impediu de falar sobre. Mas que trabalho competente é este exercido pelo racismo, não é mesmo? Ele faz a vítima pensar que é a culpada pelo que lhe acontece de ruim e coloca o racista em uma posição hierárquica acima do problema, sem nenhum dano, sem nenhum arrependimento e sem ao menos perceber o quão devastador é o ato racista.

Anos depois, quando estava na terceira série do ensino fundamental, então com nove anos, fui surpreendida por minhas colegas de Van escolar ao entrar no veículo, três delas que estavam no banco de trás me recepcionaram com uma música que dizia: “nega do cabelo duro, que não gosta de pentear, qual o pente que te penteia?!” Repetiram o refrão umas três vezes, eu chorei em silêncio, já sabia que o racismo existia, a novela Carrossel reforçava as humilhações sofridas por um menino negro todo dia, então eu já sabia... Agora era a minha vez. E mais uma vez a resposta para o racismo foi o silêncio, o “tio da Van” até percebeu, as repreendeu, pediu desculpas para os meus pais, entretanto aquela marca permaneceu, e por anos não consegui expô-la.

Então chegou a Universidade, que vitória para minha família, que estranhamento para mim, que nem sequer acreditava ter chances de passar no vestibular, tendo sido impulsionada

pelos sonhos de meus pais, enfim entrei. Então assuntos que eu sempre evitei chegavam as rodas de conversa, negritude, racismo, cotas, ficava cada vez mais difícil não lembrar as situações de preconceito racial vividas, ficava cada vez mais latente a vontade de falar sobre elas. No entanto, ao mesmo tempo em que surgia a necessidade de adentrar nestes assuntos, surgia a sensação de não pertencimento, eu estava ali pelas cotas sim, nas rodas de conversa falavam sobre mim, sobre nós, sobre os negros, os cotistas, mas seguíamos sendo intrusos, pois ficávamos apenas nos assuntos informais. Na sala de aula estudávamos pessoas que não eram nem perto o que somos ou quem conhecemos, aquele espaço era uma extensão da escola que sempre nos excluiu, nunca contou nossa história. No entanto, a psicologia mexe com a gente, aguça interesses e nos oferece uma curiosidade incessante.

A partir das cotas a Universidade ganhou uma diversidade enorme, e esses novos estudantes também sentiam a necessidade de se ver e de falar sobre si em sala de aula. Coletivos começaram a surgir, para que houvesse troca entre as minorias que não se enxergavam em seus cursos, conheci e comecei a frequentar um Coletivo cujo nome é Negração. A partir daí consegui afirmar minha identidade negra naquele espaço, enquanto cotista e, somando minha entrada no coletivo a curiosidade que a psicologia me ofertou, percebi que nós estudantes deveríamos contar a nossa história, ir atrás de referenciais e produzir o nosso próprio material científico. Nós entramos para ficar e será o conhecimento que garantirá a nossa permanência nesse espaço.

2 INTRODUÇÃO

60 por cento dos jovens de periferia sem antecedentes criminais
 Já sofreram violência policial
 A cada quatro pessoas mortas pela policia, três são negras
 Nas universidades brasileiras
 Apenas 2 por cento dos alunos são negros
 A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente
 Em São Paulo
 Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente
 (Racionais Mc's – Capítulo 4, Versículo 3,1997))

Em 1997 Mano Brow, vocalista do grupo de rap Racionais Mc's, já nos alertava para a gravidade da violência contra a população negra. Violência física, violência emocional, violência psicológica. Hoje, após 20 anos, a realidade continua a mesma, ou melhor, na verdade os números aumentaram. O genocídio da população negra continua, a forma como ele se dá varia, entretanto sua base continua igual e operante: o racismo.

São fortes os impactos das práticas racistas na saúde da população negra, entretanto apesar de haver produção científica a respeito, as ações implementadas para que se alcancem melhorias na mudança desta realidade tem pouca efetividade, André Faro e Marcos Emanuel Pereira (2011) demonstram a preocupação com o perfil de saúde das vítimas do preconceito racial, apontando o negro enquanto minoria em uma sociedade, o que faz com que o mesmo seja um alvo frequente de fatores estressores biológicos, psicológicos e sociais, tornando-o prejudicado comparado a um grupo majoritário. Elevados índices de depressão, baixa autoestima e maior prevalência de transtornos adaptativos comuns entre os negros confirmam essa afirmação.

A estereotipização é um fator constantemente presente na vida da pessoa negra, visto que desde a infância são poucos os referenciais positivos que as mesmas encontram para a identificação. Seus semelhantes que seriam fonte de inspiração, vistos na televisão, cinema, livros infantis, entre outros se referem a pessoas de classe baixa, sem grandes perspectivas, assumindo papéis de figuração, ou quando pertencem a uma classe social mais alta podendo gozar de algum protagonismo, são comumente ligados a hipersexualização ou limitados a profissões e papéis específicos na sociedade (jogadores de futebol ou músicos).

Partindo do pressuposto de que o racismo é um potente atravessador na produção de

subjetividade, de acordo com Maria Lucia Silva (2004) quando afirma que o mesmo altera os processos de subjetivação e de autoconceito da pessoa negra, desvalorizando a sua autoimagem, provocando um sentimento de inferioridade, procuro elucidar o quão forte é a interferência dos estereótipos e estigmas na vida da pessoa negra.

Entendendo a infância como um período fundamental para constituição psíquica, acredito ser de grande importância estudar os efeitos do racismo na saúde mental das crianças, trazendo a tona os impactos do uso de estereótipos que atuam como ferramentas eficazes para o mecanismo de uma sociedade racista. Assim, o objetivo deste trabalho é discutir os impactos do uso de estereótipos na subjetividade de crianças negras. O referencial teórico-metodológico deste trabalho é composto pela analítica de poder de Michel Foucault, bem como as teorias das relações raciais de Neusa Santos Souza, Maria Helena Zamora, Carlos Moore. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que investigou publicações da psicologia em revistas científicas indexadas, bem como publicações em sites de organizações que atuam na luta contra o racismo.

Desta forma, acredito que este Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia consegue unir em sua consistência um tema de extrema relevância para sociedade, e uma satisfação pessoal para mim como autora, negra, mulher, mãe, estudante, moradora de um bairro periférico e futura psicóloga. Busco, através dele, tencionar os estudos acerca do racismo e da psicologia no meio acadêmico e intensificar a atuação do psicólogo na construção de conhecimentos relacionados às questões raciais.

Para tanto, no segundo capítulo buscamos conceituar o racismo e introduzir a discussão de seu contexto no Brasil, revisando brevemente o período pós-abolição e as consequências da mesma na vida dos ex escravos. Neste período, falsos discursos sobre os negros foram formulados originando os estereótipos que são utilizados em nossa sociedade atualmente, a partir disso os avaliamos enquanto práticas de exclusão que mantém ativa a reprodução do racismo. No mesmo capítulo discutimos o “mito da democracia racial”, que ainda hoje mantém fiéis defensores, que afirmam que por ser o Brasil um país miscigenado não há discriminação racial, desnaturalizando esse mito atentamos para o cuidado de não enxergá-lo apenas como um engano, mas sim como algo que invisibiliza as práticas racistas do país.

No terceiro capítulo, analisamos a partir de depoimentos de crianças negras os impactos do racismo em suas vidas. Aprofundamos também no funcionamento do racismo em

um Estado que opera na lógica do biopoder, essa discussão é feita a partir da analítica de poder de Michael Foucault, constatando então que o racismo atua como condição para que a função assassina do Estado seja assegurada. Exibimos no mesmo capítulo números que comprovam o genocídio da população negra, e refletimos o efeito disso na constituição psíquica das crianças negras. Além disso, discutiremos como se dá a construção da subjetividade negra, a luz da obra de Neuza Santos Souza observamos os processos de fuga da identidade e construção de um Ideal de Ego incompatível com as características biológicas das pessoas negras. Esse processo de construção se dá na infância, onde a criança já passa a internalizar os atributos negativos que lhes são imputados por uma sociedade racista, dando espaço para sentimentos de inferioridade.

No quarto capítulo apresentamos o percurso teórico-metodológico e os resultados encontrados na busca pelas publicações no campo da psicologia em revistas científicas indexadas, bem como em sites que abordam racismo e infância. Esta pesquisa demonstra que ainda há uma timidez na produção acadêmica e organizações negras potentes no enfrentamento do racismo.

No quinto capítulo, contextualizaremos os estereótipos utilizados no Brasil, a partir dos materiais encontrados na pesquisa. Os mesmos apontam uma diminuição do uso de estereótipos negativos atribuídos às pessoas negras nos últimos anos, bem como um aumento do uso de estereótipos positivos, entretanto essa afirmação é uma melhora ilusória, pois o uso frequente de estereótipos positivos às pessoas negras tem sido a ferramenta para uma limitação dos papéis desenvolvidos por pessoas negras na sociedade, mantendo a hierarquia entre negros e brancos. Também discutimos os impactos do uso de estereótipos na vida das crianças negras, a partir do material revisado. Observando a real limitação que o mesmo impõe, pois a expectativa quanto ao futuro das mesmas é invariavelmente destinada aos estereótipos que lhes são atribuídos. Além disso, a internalização deles leva as crianças ao adoecimento psíquico, problemas de relacionamento e baixa autoestima. No mesmo capítulo exibimos que além dos estereótipos, outro aspecto com o qual as crianças negras deparam-se e sofrem é a invisibilidade, que acaba selecionando quais os locais permitidos e proibidos “sutilmente” às mesmas. Ainda no sexto capítulo avaliamos o papel da escola nesse processo de constituição do sujeito negro, e o quanto a mesma torna-se um ambiente hostil por não saber lidar com o racismo, dentro dessa reflexão trazemos a Lei 10639/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas unidades escolares, e as dificuldades quanto sua aplicabilidade. Também atentamos para a importância da

representatividade para a construção da identidade da criança negra, onde observamos que havendo um discurso positivo sobre sua história, e suas características biológicas, a criança pode romper com um Ideal de Ego branco impossível a ela e livrar-se de sentimentos de inferioridade, a partir da autoaceitação consequente do processo de se ver em alguém em posição de destaque. Frisamos também a importância de Instituições que se propõem a combater o racismo, criando espaços de fortalecimento da identidade negra e denunciando práticas de discriminação.

Nas considerações finais, verificamos que ainda há muito que fazer para combater as formas de preconceito racial, somado a pouca implicação para com o problema por parte da psicologia, e o uso de estereótipos mesmo que bastante estudado por diversas outras áreas ainda é prática ativa que mantém o racismo na sociedade brasileira. Espaços de fortalecimento negro, como coletivos, organizações do movimento negro promovem estratégias de fortalecimento e resistência e são fundamentais na luta antirracista. Entretanto a psicologia tem o dever de se comprometer muito mais com o tema, pois os psicólogos atuantes hoje não tem um preparo para lidar com um paciente cuja queixa é o sofrimento psíquico em consequência das violências raciais vividas.

A musicalidade sempre fez parte de minha vida, no trabalho de conclusão de curso não poderia ser diferente, algumas canções embalam as páginas do mesmo ilustrando de forma objetiva algumas das reflexões feitas aqui.

3 CONTEXTUALIZANDO O RACISMO

“Estrutura de origem histórica, que desempenha funções benéficas para um grupo, que por meio dele constrói e mantém o poder hegemônico com relação ao restante da sociedade. Esse grupo instrumentaliza o racismo através das instituições e organiza, por meio do imaginário social, uma teia de práticas de exclusão. Desse modo, preserva e amplia os privilégios sociais, o poder político e a supremacia total adquiridos historicamente e transferidos de geração a geração. Em uma sociedade já multirracial e mestiçada, ele serviria para preservar o monopólio sobre os recursos, para o segmento racial dominante.”

(Carlos Moore, 2015 – Revista El País, s/nº)

A partir do conceito de racismo definido por Carlos Moore, podemos pensar estereótipos como práticas de exclusão, que tornam possível a continuidade do mesmo. Quando mostramos às nossas crianças apresentadores de televisão, protagonistas de histórias infantis, protagonistas de novelas, entre outras figuras de destaque, todas não negras, induzimo-las a pensar que seria impossível chegar a uma boa posição nessa sociedade sendo negras.

É interessante salientar que o racismo não é um problema atual, ou seja, ele é um aspecto estruturante de nossa sociedade, naturalizado e reforçado institucionalmente diariamente. Segundo Maria Helena Zamora (2012) muitas das atuais formas de se pensar o negro foram originadas a partir do discurso científico do século XIX, tendo como base as teorias raciais europeias que tinham como intuito justificar a escravização. Durante o período escravagista houve uma desumanização dos negros, submetidos a todo tipo de humilhação e trabalho pesado. Após esse período, a população negra permaneceu a ser discriminada e submissa aos brancos, ignorada pela República que preocupava-se apenas em trazer imigrantes europeus com o objetivo de promover o branqueamento da população brasileira, e ainda produziu leis que os marginalizavam e excluía. Sobre o período após a abolição, Florestan Fernandes afirma que:

“...a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e capitalista.”

(FERNANDES, 1978, p. 20)

Não havia para o homem negro então, reais possibilidades de desenvolvimento social e profissional. Os poucos empregos que haviam eram prioritariamente destinados aos imigrantes. Restava aos ex escravos subempregos para que pudessem sobreviver em cortiços,

onde muitas pessoas dividiam um espaço pequeno. As mulheres nesta época pós-abolição quando contavam com sorte conseguiam empregos de doméstica, podendo conseguir algum dinheiro para a família. Em consequência disso, uma série de estereótipos foi construída, para deslegitimar e envergonhar as pessoas negras, como a afirmação que homens negros eram vadios e ficavam em casa por opção. A sociedade adota essas descrições ilegítimas das pessoas negras, e acaba por manter a reprodução do racismo.

No Brasil a população é constituída por uma diversidade étnica, por conta disso há uma grande miscigenação entre os brasileiros. Não raro essa miscigenação oculta às diferenças raciais vividas em nossa sociedade, operando como suporte para a continuidade de práticas discriminatórias, por muito tempo, em decorrência da mesma, houve a crença de uma “democracia racial” na qual se difundia a ideia de que diferentemente de outros países escravocratas o Brasil conseguira fugir do preconceito racial. Tal fantasia começa a desfazer quando atentamos para o fato de que o início dessa miscigenação se deu com o estupro às mulheres: índias e as escravas negras, o primeiro pelos colonizadores do país e depois pelos senhores de escravo.

No início da década de 1950 a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) patrocinou um estudo para investigar o suposto caráter democrático das relações raciais no Brasil, o objetivo era determinar os fatores econômicos, sociais, políticos, culturais e psicológicos favoráveis ou desfavoráveis à existência de relações harmoniosas entre grupos étnicos. Dentre os participantes do estudo destacam-se Florestan Fernandes e Roger Bastide. O estudo constatou que dentro de uma ordem social os grupos raciais ocupam diferentes posições, isto se deve ao fato de a população negra continuar sendo alvo de preconceito e discriminação racial. Corroborando com essa ideia, Carlos Hasenbalg, afirma que:

“(...) o preconceito e a discriminação racial apareceram no Brasil como consequências inevitáveis do escravismo. A persistência do preconceito e discriminação após a destruição do escravismo não é ligada ao dinamismo social do período pós-abolição, mas é interpretada como um fenômeno de atraso cultural, devido ao ritmo desigual de mudança das várias dimensões dos sistemas econômico, social e cultural. “

(Carlos Hasenbalg, 1979, p. 73)

Ainda sobre a falsa democracia racial recorreremos aos escritos de Antônio Guimarães (2006) ao atentar para o cuidado de não enxergá-la apenas como um mito, uma ilusão, pois como afirma o autor: “...antes de ser uma falsa consciência, é um conjunto de valores que tem efeitos concretos nas práticas dos indivíduos” (p. 269). Por tanto a tentativa de eliminar esse conceito não é apenas desfazer uma confusão, mas sim bloquear uma importante fonte de continuidade da invisibilidade de práticas racistas, pois quando não há racismo não podemos lutar contra ele.

4 RACISMO E INFÂNCIA: A SUBJETIVIDADE DA CRIANÇA NEGRA

“Eu só ouvi os tiros da polícia, e os gritos do meu primo caído no chão.

Aí a polícia falou: - Vocês correm por quê?

Eu falei: - A gente só tava brincando senhor!

Aí eu sem ter culpa nenhuma fui preso, e levei um tiro aqui.

Aí na ocorrência tava escrito que eu tava trocando tiro com a polícia, eu era bandido e tava armado, mas eu nunca usei uma arma na vida, sorte minha que meu primo gravou tudo no celular dele.”

Depoimento fictício, retirado da campanha: Racismo na Infância, uma forma de maus-tratos, do site do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade (CEERT). Embora o depoimento seja fictício, é baseado em um caso real, onde Alan de Souza foi assassinado por policiais no subúrbio do Rio de Janeiro em Fevereiro de 2015. No mesmo ano, no Complexo do Alemão, também no Rio de Janeiro, policiais foram acusados de assassinar com um tiro de fuzil um menino de 10 anos, que estava sentado em frente ao portão de sua casa. Segundo o mapa da violência (2014) entre 2002 e 2012, o número de homicídios de jovens brancos caiu 32,3%, enquanto o de jovens negros aumentou 32,4%.

“Vim para falar sobre como eu me sinto... sinto que nos tratam de forma diferente que as outras pessoas... e não me agrada como nos tratam, apenas pela nossa cor, isso não significa nada para mim.

Creio que... somos negros e não deveríamos nos sentir assim. Não deveríamos ter que protestar porque vocês nos tratam mal.

Fazemos isso porque é o que temos de fazer e temos direitos...

Nasci e me criei em Charlotte... e nunca me havia sentido assim até agora. E não posso suportar como nos tratam.

É uma vergonha que matem a nossos pais e mães, e não possamos voltar a vê-los.

É uma vergonha que tenhamos que ir ao cemitério para enterrá-los.

Choramos e não deveríamos chorar.

Necessitamos que nossos pais e as nossas mães estejam conosco.”

O depoimento acima é de Zianna Oliphant, menina negra, norte americana, de apenas nove anos. O depoimento de Zianna é um apelo às autoridades devido ao genocídio sofrido

pelo povo negro no atual contexto de sua cidade. Suas palavras carregam dor, medo, tristeza... sentimentos com os quais nenhuma criança dessa idade deveria conviver.

O que os dois depoimentos carregam em comum? Acredito que a responsabilidade precoce que as crianças negras têm, sobre um problema que a sociedade não consegue lidar. Em decorrência dessa impotência dos adultos para fazer algo a respeito, a criança negra adquire mesmo sem querer uma maturidade antecipada no sentido de pensar sua existência. Eu realmente não queria ter de pensar sobre a tristeza de meu pai naquele ônibus de excursão, meu desejo era continuar a brincar sem ter que me preocupar com problemas de adultos, entretanto como eu poderia ignorar os sentimentos de meus pais?! Acredito que meus amigos brancos não deixaram de brincar aos cinco anos para pensar em questões sociais. Essa diferença, dificilmente mencionada ou analisada pode ter grandes impactos, diferenciando em muito essas infâncias.

Sobre essa triste realidade estatística, do genocídio da população negra, recorro a obra de Michael Foucault sobre o Racismo de Estado (1999), em sua obra o autor vai discorrer acerca das Formas de Poder, vivenciadas por nossa sociedade. Apresenta-nos a definição de poder soberano e o poder do Estado instrumentalizado por um mecanismo conhecido por biopolítica. Define o poder soberano (séc. XVII/XVIII) centralizado na disciplina imposta sobre os corpos, onde o poder poderia ser compreendido como “fazer morrer ou deixar viver”, esse tipo de poder foi completado por uma nova forma de se exercer o poder conhecida como biopolítica (séc. XIX). A mesma trabalha com a noção de massa global ou população, tem como objeto e objetivo a vida e em vez de fazer morrer ou deixar viver, este poder faz viver e deixa morrer. Aí está o ponto válido para nossa discussão, como refere Foucault, um soberano (alguém que regerá o Estado) é constituído para que aja a segurança da vida, entretanto o Estado enquanto poder permite “deixar morrer”. É incoerente que em um modelo como a biopolítica, o Estado exerça seu direito de matar, quando em sua essência esse poder tem como objetivo fazer viver. Então em sua análise, o autor justifica o racismo como a brecha para que isso ocorra. Obviamente o racismo surge muito antes do que esses mecanismos de poder, entretanto, esta é a forma na qual ele opera quando na presença do biopoder, logo, podemos perceber quais as vidas que ele pretende preservar e quais ele toma como uma ameaça às primeiras.

Para trazermos essa análise para exemplo bem cotidiano, é comum vermos a conivência e a aprovação de muitas pessoas quando a polícia (a serviço do Estado) executa alguém dado como criminoso, não são raros os manifestos nas redes sociais apoiando a

violência policial quando esta se dá contra “marginais”. Entretanto é relevante voltarmos à página treze, para lembrarmos a história das pessoas negras, história esta que resultou em inúmeros estereótipos dentre eles, o estereótipo do negro como um criminoso, pois quando na época da abolição o mesmo foi impossibilitado de trabalhar, e o Estado tratou de criar leis para marginalizar esses atuais desempregados e impossibilitar sua ascensão como o Decreto nº 1.331-A de 1854:

Art. 69. Não serão admitidos á matricula, nem poderão frequentar as escolas:

1º Os meninos que padecerem molestias contagiosas.

2º Os que não tiverem sido vacinados.

3º Os escravos.

Então esse rótulo de criminoso persiste até hoje, tornando o homem negro um suspeito em potencial para o Estado. Assim, o Estado busca eliminar esse sujeito, alegando que sem ele a vida será mais sadia e pura na sociedade, como esclarece Foucault (2005, p. 306):

“... o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo.”

(Michel Foucault, 2005, p.306)

Creio que uma das coisas mais difíceis nesse contexto de validação de morte das pessoas negras seja a consequência disso para as crianças. Entendendo subjetividade como um conceito operativo que permite a compreensão da dinâmica e da organização social a partir da indissociabilidade entre individual e coletivo (Henrique Nardi, 2006), podemos compreender que essa realidade terá impactos relevantes para a estrutura psíquica de crianças que crescem em um contexto de discriminação racial.

No intuito de pensar a formação da subjetividade de crianças negras, recorro à obra de Neuza Santos Souza (1983), a autora faz uso de conceitos psicanalíticos para refletir os processos de subjetivação. Segundo Neuza, na busca de sua identidade todo sujeito faz uso de figuras identificatórias, tais figuras carregam consigo elementos que serão buscados como ideal, a psicanálise os chamará de ideal de ego. Vivendo em uma sociedade que há grande diferença no tratamento racial, onde pessoas negras carregam consigo o estigma da escravidão e pessoas brancas ocupam as melhores condições sociais, o Ideal de Ego a ser desejado é o Ideal de Ego branco. Este é evidentemente incompatível com as características biológicas de pessoas negras, entretanto ainda assim é internalizado compulsoriamente pelas mesmas. Em decorrência dessa busca pelo Ideal de Ego Branco, o negro passa a ser violentado tendo sua identidade destruída, sobre a violência causada pelo racismo Jurandir Freire Costa,

prefaciando o livro de Neuza (1983, p. 02) afirma: “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.”

Sobre o olhar da psicanálise tais processos seriam inconscientes, então a busca do Ideal de Ego (branco), seria uma exigência do superego, tendo como objetivo ter uma aproximação entre o Ego Ideal (o que o sujeito realmente alcança) com o Ideal de Ego. Para isso a pessoa negra tenta uma série de procedimentos para afastar-se de sua identidade, negando seu corpo, seus traços, buscando esconder suas características essenciais e se recriar para ser o mais próximo do branco possível, seja tentando afinar o nariz, alisando o cabelo com fórmulas agressivas, enfim. Tendo essas medidas pouco sucesso na tentativa de atingir o modelo branco, há ainda a tentativa de aniquilar sua cor, formando uniões interracialis, garantindo que ao menos seus descendentes possam atingir o Ideal imposto. Ainda que com todas essas tentativas, é impossível ao negro ter sucesso em sua busca, então, a partir do seu “fracasso”, surge no plano consciente à sensação de culpa, medo e complexo de inferioridade.

Um vídeo norte-americano amplamente divulgado nas redes sociais, o qual aborda o período em que os Estados Unidos ainda possuía uma legislação segregacionista, a lei de Jim Crow, ilustra de forma precisa os impactos do racismo nas crianças. O vídeo mostra crianças respondendo a algumas perguntas simples, feitas pela entrevistadora, frente a elas estão duas bonecas muito parecidas, a única diferença é a cor delas, sendo uma boneca negra e outra branca. Perguntas como: “qual a boneca mais bonita?” “qual boneca é mais confiável?” “qual boneca é boa?” obtiveram sempre em suas respostas a boneca branca, enquanto perguntas como: “qual boneca você tem medo?” “qual boneca é feia?” recebiam como resposta a boneca negra. Essas crianças tinham entre oito e dez anos, e mesmo as que se identificavam como sendo mais parecidas com a boneca negra, mantiveram o padrão de atribuir os adjetivos ruins a ela. Podemos perceber então que de alguma maneira o racismo as atravessa, de forma que tenham por convicção que negros são inferiores.

O artigo de Marco Antônio Guimarães e Angela Podkameni (2012) exhibe uma construção de ideias que podem ajudar a entender o processo experienciado por crianças negras em consequência do racismo. Os autores fazem uso do conceito de espaço potencial, criado pelo psicanalista Donald Winnicott, definido da seguinte maneira:

“O espaço potencial entre bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que este experimenta o viver criativo.” (Donald Winnicott, 1978, p. 142)

A partir dessas trocas, o indivíduo percebe o que o meio em que vive espera dele, e inicia a busca para obter o equilíbrio entre o que desejam que seja e o que é possível ser. Os autores afirmam que o espaço potencial só poderá ser devidamente constituído se houver ao entorno do indivíduo um meio ambiente “bom o bastante”, tal conceito também foi criado por Winnicott, e diz respeito a um ambiente no qual o indivíduo tem suas necessidades compreendidas ao mesmo tempo em que possui algumas limitações aos seus desejos, de modo que se criem diferentes formas de respostas para as frustrações (o viver criativo supracitado). Ainda sobre o meio ambiente bom o bastante, é interessante frisar que o mesmo é peça fundamental na construção do espaço potencial, não apenas na infância, mas no decorrer de todo desenvolvimento.

Em uma sociedade racista, o ambiente nunca será bom o bastante para a constituição do espaço potencial da pessoa negra, a hostilidade e a negação de sua identidade insistentemente presentes, geram na pessoa negra uma sensação de inferioridade e insatisfação intensas, o conflito entre o que deseja ser e o que realmente é possível ser torna-se humilhante, trazendo frustrações precoces.

5 PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A reflexão acerca do uso de estereótipos e os impactos a saúde mental da criança negra teve como fio condutor o referencial teórico embasado na analítica de poder de Michel Foucault, bem como nas teorias das relações raciais de Neusa Santos Souza, Maria Helena Zamora, Carlos Moore, entre outros. É interessante frisar que faço uso de autores de diferentes vertentes psicológicas, como é o caso da psicologia social representada por Michel Foucault, bem como da psicologia psicanalítica com Neusa Santos Souza, acreditando que o fazer psicológico é feito com excelência a partir da junção dos principais elementos que constituem a psicologia de forma geral.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho insere-se no campo das pesquisas qualitativas e defino, como meu recorte de estudos, verificar se a temática do racismo e infância tem sido abordada pelas publicações da psicologia em revistas científicas indexadas, bem como em sites de organizações que atuam na luta contra o racismo.

Assim, foi realizado um mapeamento nas bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Foram utilizados como descritores as seguintes combinações: “Racismo, Estereótipos e Infância”, “Racismo e Infância” e “Racismo, Brasil e Infância”, O banco final incluído na análise foi constituído por 8 (oito) artigos, publicados desde 2002. Destes, apenas 3 (três) artigos eram publicações referentes a área da psicologia, 3 (três) artigos eram da área da Comunicação, 1 (um) artigo pertencente aos estudos da Educação e 1 (um) artigo da área da filosofia. A utilização destas diferentes áreas se faz necessária para uma discussão ampla a respeito do uso de estereótipos de modo geral, o que não se pode ignorar nesse contexto é a evidente falta de artigos sobre o tema no âmbito da psicologia, é ainda mais preocupante quando observamos a falta de abordagem relacionada ao racismo e infância dentro do discurso acadêmico psicológico.

Sendo o Brasil um país de grande desigualdade racial, esse número de artigos relacionados ao uso de estereótipos e infância negra torna-se ínfimo, pois embora o racismo seja presente e gritante em nossa sociedade, a academia ainda não introduziu em seu currículo a reflexão necessária a seu respeito. Em seus estudos sobre os currículos de graduação em psicologia Jéssyca Barcellos (2016) corrobora com essa realidade, afirmando que:

De acordo com a análise feita de currículo dos dezoito (18) cursos de graduação em psicologia, no período de março a junho de 2016, de Porto Alegre e região metropolitana, somente seis (6) cursos apresentam disciplinas que trabalham com questões raciais. Destes, somente um (1) apresenta o assunto em disciplina obrigatória, os outros cinco (5) apresentam de forma optativa/eletiva.

(Jessyca Barcellos, 2016, pg.25)

Em sua obra “Pele Negra, máscaras brancas” Fanon faz a seguinte observação sobre a temporalidade: “Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro.” Acredito que essa afirmação seja de extrema importância, e embora tenha sido escrita há sessenta e quatro anos atrás (1952) o tema que envolve a obra de Fanon ainda é muito atual e pouco discutido no mundo acadêmico.

Nesta lógica penso que o presente trabalho se faz necessário para que hoje possamos construir ferramentas que sirvam para frear o racismo e seus meios de perpetuação.

6 USO DE ESTEREÓTIPOS NO BRASIL E SEUS IMPACTOS NAS CRIANÇAS NEGRAS: FORMAS DE DOMINAÇÃO E RESISTÊNCIA

Artur Araújo em sua dissertação de mestrado selecionou Boletins de Ocorrências Policial sobre preconceito e discriminação racial, em São Paulo e no Distrito Federal, buscando conhecer questões referentes ao preconceito a partir da prática discursiva dos acusados de racismo. A partir dos dados coletados em sua amostra pode observar que o vocabulário utilizado pelo acusado inferioriza e estereotipiza o negro. Dentre as inúmeras estereotipizações o autor destaca quatro, as quais afirma que podem ser "pilares da ideologia da discriminação racial" (Artur Araújo, 2010): Animalização, Marginalização, Inferiorização, Aromatização.

A dissertação de Carlos Augusto Martins (2009) vem ao encontro da ideia colocada por Araújo, analisando os estereótipos que representam as pessoas negras na publicidade brasileira entre os anos de 1985 a 2005, o autor nomeia e especifica os papéis representados por negros, podendo estes enquadrar-se dentro dos pilares apresentados por Araújo, sendo assim, logo abaixo apresento um quadro ilustrativo onde para cada pilar coloco os estereótipos que melhor os representam, segundo os autores.

| Animalização | Marginalização | Inferiorização | Aromatização |
|--------------------|----------------|----------------|--------------|
| Atleta | Malandro | Carente Social | Primitivo |
| Trabalhador Braçal | Bandido | | |
| Artista | | | |
| Mulata Sensual | | | |

Animalização- Nos Bo's aparecia na forma de xingamentos, como: macaco, chipanzé, urubu. Além disso, configura também a imagem do negro enquanto trabalhador braçal munido de muita força, bem como atleta, ou artista que seriam estereótipos positivos criados a partir da crença de que as características físicas do negro possibilitariam um melhor desempenho nessas atividades. Podemos incluir nessa categoria de animalização a hipersexualização dos corpos negros, que é a imagem de que os negros seriam fortemente sexualizados, donos de uma sexualidade exacerbada.

Marginalização- A visão do negro enquanto marginal, ladrão, traficante. O adjetivo de malandro, comumente destinado a homens negros na mídia, onde aparecem como pessoas despreocupadas e irresponsáveis, tendendo a realizar atividades ilícitas por falta de vontade de trabalhar.

Inferiorização- Uso de diminutivos depreciativos, colocando-os em uma posição hierárquica inferior na sociedade. O estereótipo de Carente Social é pertinente dentro desta categoria, pois é quando a mídia apresenta o negro enquanto um sujeito que depende da caridade de pessoas brancas.

Aromatização- Segundo o autor se dá ao destinar ao negro adjetivos como fedido, nojento e sujo. Palavras constantemente utilizadas em ofensas racistas.

Marcus Lima e Jorge Vala (2004), afirmam que a partir da crescente condenação social a atos racistas houve uma diminuída no uso de estereótipos negativos referentes a pessoas negras. Essa frase em um primeiro momento soa como uma notícia boa, entretanto os autores nos alertam para o fato de que há novas formas de preconceito e racismo. Segundo eles, no Brasil houve uma mudança na maneira da utilização dos estereótipos, a qual podemos observar na tabela abaixo:

| Estereótipos dos negros | 1950 | 2001 |
|-------------------------|------|------|
| Supersticiosos | 80 | 52 |
| Preguiçosos | 62 | 5 |
| Estúpidos | 43 | 8 |
| Musicais | 22 | 80 |
| Atléticos ou fortes | 45 | 65 |
| Alegres | 46 | 85 |

Fonte: os dados da década de 1950 resultam de dois estudos (Bastide & Van den Bergh, 1957; Cardoso & Ianni, 1959). Os dados de 2001 são de M. E. O. Lima (Comunicação pessoal, 2001).

Neste estudo de comparação dos estereótipos atribuídos as pessoas negras na década de 50 e no ano de 2001, por amostras de estudantes universitários brancos, percebemos que a estereotipização negativa teve uma real baixa, enquanto a positiva teve um aumento. Entretanto, apesar dessa notável mudança, não há grandes avanços no que diz respeito às desigualdades raciais em nosso país. Os autores atentam então para que tenhamos cuidado ao analisar esses números, pois o crescente número da utilização de estereótipos positivos facilita a entrada de uma nova forma de racismo, eles irão chamá-la de “racismo cordial”. Segundo

seu artigo, o racismo permanece enraizado em nossa sociedade, entretanto sua configuração vai sendo moldada:

...As formas de expressão do racismo e do preconceito mudaram tão significativamente que se poderia pensar que estes fenômenos estavam em extinção. Com efeito, uma série de pesquisas utilizando metodologias tradicionais de coleta de dados ou medidas diretas de atitudes raciais, feitas em épocas diferentes, demonstraram que as atitudes contra os Negros, em vários lugares do mundo, estavam mudando drasticamente. (Marcus Lima e Jorge Vala, 2004, pg. 403)

No racismo cordial, a utilização de estereótipos positivos limitará o papel social dos negros, determinando cargos específicos para que ocupem. Assim há uma relação direta que o racismo impõe, entre o estereótipo e a possibilidade de futuro do sujeito:

Podemos pensar que se eles são musicais, são também aptos para o ritmo e para a dança, se são fortes, estão aptos para o trabalho braçal, e se são alegres, não devemos nos preocupar com a sua situação social, pois nem eles têm consciência dela. (Marcus Lima e Jorge Vala, 2004, pg. 403)

É consenso entre a bibliografia consultada, que os estereótipos são uma ferramenta que mantém ativo o mecanismo do racismo, sejam eles negativos ou positivos, os mesmos configuram uma forma de violência e preconceito racial. Em relação à especificidade dos impactos do uso de estereótipos nas crianças negras, trago outra vez a força das letras de músicas de Rap para representação da realidade de vida da população negra:

Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol, vai vendo
Mas o sistema limita nossa vida de tal forma
Que tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver. (Racionais, A Vida é desafio,
2002)

Assim como o protagonista da música “A vida é desafio” do grupo Racionais Mc's, muitos meninos negros acreditam que para fugir de sua realidade de exclusão e estagnação social teriam apenas essa opção, explorar sua capacidade física, afinal seria apenas isso que sabem fazer bem na vida. No caso do personagem da trilha sonora, o garoto opta por sobreviver em vez de sonhar e acaba entrando na “vida do crime”. Casos assim acontecem todos os dias nas periferias do país, quando a busca da realização do estereótipo “negro rico jogador de futebol, ou músico” é frustrada, há um direcionamento para a execução de outro

estereótipo, o do negro marginalizado. A música tem uma reviravolta, e finaliza com o garoto negro vencendo tornando-se um rapper, sendo assim mais um estereótipo é confirmado.

A constituição do sujeito negro, como vimos anteriormente, é transpassada por uma série de questões que dificultam a autoestima do mesmo durante toda sua vida, e a infância é um período em que essas questões ficam mais transparentes, dado a sinceridade das crianças em expressar suas dúvidas e impressões a respeito do mundo ao seu redor.

“ Eu fiquei com essa ideia na cabeça, de que sou feia! De que a cor preta é feia mesmo. Porque as meninas da minha sala chegaram pra mim um dia e me chamaram de feia porque eu era negra, elas eram brancas(...) e elas diziam que eu não podia mais ir pra escola, porque preto não tinha futuro. E eu achava elas superiores. Isso aconteceu quando eu tinha 7 anos, eu fiquei bem triste. Eu voltei pra casa, deitei na cama e só fiquei comendo assistindo televisão. (...) A minha avó que cuidou de mim desde a morte da minha mãe, começou a querer saber o que tinha acontecido, então eu perguntei: Vó, ser negro é feio? Porque na escola estão falando que sou feia por ser negra, que tenho o cabelo duro e que nunca vou me habituar por ser negra. A minha avó disse que ser negro é a melhor coisa do mundo, mas eu não queria voltar pra escola, eu não queria voltar pra lá por vergonha de ser negra. Aí minha vó me mandou para a terapia.

(...)

Depois, eu tava gostando de um menino e parecia que ele gostava de mim, aí um dia eu dei um selinho nele, ele era branco né! E contei para uma colega, ele surtou! Colocou no facebook que eu tinha passado herpes pra ele e me chamou de um monte de coisa, de macaca, de gorda horrosa, de negra fedida,..."

O depoimento de Samira, também tirado da campanha: Racismo na Infância, uma forma de maus-tratos, do site do CEERT, ilustra bem o quão impactante são as práticas racistas na infância, além disso exhibe em sua formulação estereótipos que insultam e inferiorizam as crianças negras, muito comuns nas escolas, como a impossibilidade do negro ser bem-sucedido através dos estudos, bem como o uso de estereótipos de animalização e aromatização, mencionados e conceituados anteriormente. De acordo com a diretora-presidente do Instituto AMMA Psique e Negritude, Maria Lúcia da Silva (2008), o racismo na infância ocasiona as vítimas: baixa autoestima; negação da própria imagem; sentimento de angústia e revolta; dificuldades de relacionamento; queda no rendimento escolar. No caso de Samira, a menina sofreu todos esses aspectos, tendo que buscar uma ajuda profissional para lidar com a vivência experienciada. Assim, mais uma vez o racismo tem que ser pensado e trabalhado pela vítima, o opressor não sofre impacto nenhum e provavelmente seguirá reproduzindo mais atos de discriminação racial.

Em um de meus estágios da graduação, experienciei fazer grupos com crianças e pré-adolescentes em um bairro periférico da zona leste de Porto Alegre, lembro que um fato que

me chamou a atenção era as aspirações dos jovens quando questionados sobre o futuro. Nenhum deles objetivava ser médico, dentista, psicólogo... as aspirações circulavam todas dentre os estereótipos positivos, como jogadores de futebol, cantores, atores. Ninguém pretendia continuar morando naquela comunidade, mas, ao mesmo tempo, a grande maioria nem sabia o que era vestibular. Desejavam sair da situação social em que viviam, entretanto limitavam-se aos papéis a eles atribuídos, as crianças eram em sua grande maioria negras. É interessante entrar nesse ponto, ainda que eu perceba agora que já deveria ter feito essa reflexão, a de classe. Priorizo e tenho como protagonistas nessa situação as crianças negras, mesmo que as brancas naquele bairro vivam nas mesmas situações sociais, pois as crianças brancas em situação vulnerável tem uma possibilidade de ascender socialmente muito mais do que as negras, pois escapam da atribuição de estereótipos e não iram deparar-se com o racismo institucional, as impossibilitando de conseguir uma vaga por causa de seu tom de pele.

De acordo com Marilene Paré,

“A autoestima depende da qualidade das relações existentes entre a criança e os que desempenham papéis importantes em sua vida. Embora haja valorização da criança na família negra, ela se defronta com uma batalha de autovalorização interna proveniente das relações adversas que encontra fora dela.”

(Marilene Paré, 2005, p.8)

Além dessa atribuição de papéis que origina uma limitação nas expectativas de vida das crianças negras, outro importante aspecto contribui de forma potente para o adoecimento psíquico das mesmas: a invisibilidade. Em sua dissertação de mestrado, Osmar Gaspar (2010), associa a exclusão da população negra nos principais meios de comunicação à sua exclusão no mercado formal de trabalho. Se não há representatividade não haverá almejo de conquistar determinadas profissões, além disso, os empregadores também são altamente influenciados pelas formas de representações midiáticas, logo, não contratam pessoas negras acreditando estar na “normalidade”.

Um espaço essencial e constituinte para as crianças é a escola, esse ambiente entretanto, torna-se habitualmente, para as crianças negras, mais um espaço de hostilidade para com elas. A escola atual mantém e reproduz o racismo de duas maneiras, a primeira é o preconceito vindo dos próprios alunos contra os alunos negros, muitas vezes consentido pelos professores que não tem uma formação que abarque instruções para que possam lidar com o problema (embora essas instruções nem devessem ter de ser ensinadas). A outra forma de

racismo na escola é a maneira como a instituição representa e conta a história do negro, estimulando os estereótipos de submissão do povo negro em relação à história dos antepassados dos alunos brancos. Reforça a figura do negro “caricatural” e servil, sem nenhum tipo de protagonismo histórico. Segundo dados do CEERT, a representação do negro e o preconceito racial presentes na escola geram inúmeros danos psíquicos as crianças negras, como irritabilidade, evasão escolar, nervosismo, instabilidade emocional, depressão, entre outros.

Uma tentativa de mudança dessa realidade escolar foi à implementação da Lei 10639/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas unidades escolares. A intenção seria justamente eliminar esse véu de invisibilidade sobre a história da África, valorizando sua cultura e sua história. Entretanto, sua aplicabilidade depara-se com alguns bloqueios, como o despreparo dos professores para lecionarem sobre o tema, mesmo que tenham sido produzidos materiais didáticos com a finalidade da execução da lei ainda há grande dificuldade:

As questões relativas a aplicabilidade da lei já foram e ainda são discutidas em diversos eventos científicos envolvendo vários especialistas, resultando em propostas, posicionamentos, materiais de apoio aos professores e outras propostas.

Entretanto, infelizmente, ainda encontramos profissionais da educação sem o preparo necessário para trabalhar as questões relativas a História e cultura afro-brasileira e africana.

(AGUIAR; AGUIAR, 2010, p.94)”

A partir disso, observamos que a criação da Lei 10639/03 é apenas um dos primeiros passos, passo importante é verdade, entretanto há ainda muito a aperfeiçoar. A escola deve ser ativa no processo de luta anti racista, valorizando a diversidade cultural e repensando práticas que possam favorecer essa causa. Em uma sociedade racista, é necessário um grande esforço da parte de pessoas negras para a autoafirmação e autoaceitação, as crianças negras, desde muito cedo, quando em contato com essa sociedade, deparam-se com a afirmação de “não ser”, ou de ser aquilo que não se quer ser. Por isso a temática da desigualdade social deve ser refletida por todos, pois é um problema de toda a sociedade e não só das pessoas que sofrem com o racismo.

Contudo, como bem ensinou Foucault, onde há exercício de poder há estratégias de resistência e o povo negro tem sido exemplar nisso. Assim, é importante frisar conquistas

importantes da comunidade negra brasileira no período recente. Para tanto, trazemos a força da música da pequena MC Sofia, que canta assim:

Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha

Devolva minhas bonecas
 Quero brincar com elas
 Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas?

Vou me divertir enquanto sou pequena
 Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana
 Como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor
 Africana, como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor.

(Mc Sophia, Menina Pretinha, 2015)

Combater o racismo com autoafirmação, MC Sophia menina negra e moradora de periferia, aos 11 anos consegue fazer isso muito bem. A menina formula letras de rap, falando sobre a beleza de ser negra, sobre a importância da representatividade e questões de gênero. Possibilita às outras meninas negras uma reflexão que há pouco tempo não era comum.

Segundo Neuza Santos Souza, a ferida narcísica elaborada a partir do Ideal de Ego branco, só poderá ser superada quando houver uma nova construção de ideal de ego:

“Um Ideal de Ego que lhe configure um rosto próprio, que encarne seus valores e interesses, que tenha como referência e perspectiva a História. Um Ideal construído através da militância política, lugar privilegiado de construção transformadora da História” (Neuza Souza, 1983,p. 57)

Embora essa representatividade configure o estereótipo do negro bem sucedido enquanto artista (animalização), não podemos deixar de valorizar o quanto a identificação com esses artistas têm mudado visivelmente o comportamento de crianças negras. Os negros em destaque estão buscando sua autoafirmação e empoderamento e estimulando que todos seus semelhantes façam o mesmo, como é o caso do grupo de funk Dream do Passinho, em seus show os integrantes procuram fazer discursos onde valorizam a cultura e a estética negra, fazendo com que seus fãs, na maioria crianças e adolescentes aceitem mais seus cabelos, sua cor e sua história.

Atualmente, existem organizações que se propõem a elaborar estratégias de combate ao racismo, como é o caso do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades

(CEERT). O mesmo produz conhecimento, desenvolve e executa projetos voltados para promoção de igualdade racial e de gênero. É composto por uma equipe multidisciplinar e realiza trabalhos eficazes como campanhas, ações, articula cartilhas e acompanha junto ao Ministério Público a real aplicabilidade da Lei 10639/03 nas escolas. Nessa mesma lógica há ainda o Instituto Amma Psique e Negritude, fundado em 1995 por um grupo de psicólogos que acreditava que lutar contra o racismo apenas politicamente não era o suficiente, então tiveram um olhar psíquico para com o fenômeno para assim identificar, elaborar e desconstruir o racismo e seus efeitos psicossociais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, podemos observar que a sociedade brasileira tem um grande desafio pela frente no que diz respeito ao combate ao racismo e seus meios de reprodução. Como um primeiro sinal disso, verificamos a limitação da implicação da psicologia no contexto de discussão racial. Conforme o Artigo 1º da Resolução do CFP Nº 018/2002, é uma das atribuições do psicólogo contribuir com seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e para a eliminação do racismo. Apesar de haver um número significativo de autores que propõem a temática racial em sua discussão, a academia ainda não aderiu de forma eficaz uma abordagem neste sentido. Como afirma Maria Helena Zamora (2012, p. 563): “O tema do racismo é considerado por vários autores como sendo tão importante quanto pouco abordado pela psicologia”. Embora haja uma crescente no que diz respeito à atenção da psicologia ao tema. É preocupante pensar que ao buscar um profissional da área da psicologia atualmente com demandas relacionadas ao sofrimento psíquico consequente de preconceito racial, o paciente não irá se deparar com alguém que teve um preparo para tal questão.

Quando atentamos para o uso de estereótipos racializados é importante não ceder a tentação de encarar o crescente uso de estereótipos positivos como algo a ser exaltado, pois, como vimos anteriormente, esses estereótipos sustentam a hierarquia entre brancos e negros, limitando os últimos a determinados papéis, o que agride e adoce a saúde mental das crianças negras, que passam a adotar os rótulos de inferioridade a elas atribuídos.

Os impactos do racismo são perversos em todas as fases do desenvolvimento da vida, entretanto, quando vivido na infância exige do sujeito um amadurecimento com o qual ele ainda não está preparado para lidar. As crianças negras acabam por absorver e aceitar os estereótipos e as representações a elas atribuídas, pois ao se perceberem frustradas na busca do Ideal de Ego Branco, recorrem ao que lhes foi mostrado que seria compatível a elas. Para que isso não aconteça, é necessário um trabalho intenso da família e uma mudança na sociedade, para que os padrões sejam repensados de acordo com a pluralidade etnológica do país. Além disso, espaço de trocas e fortalecimento entre os indivíduos negros, onde seja discutida e refletida a situação da população negra contribuem de forma positiva ao combate ao racismo. Ao finalizar este trabalho deixo um poema, de Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra, que ilustra de forma precisa o processo de tornar-se negro, que como afirma a psicanalista Neuza Souza Santos, é antes de tudo um ato político:

Gritaram-me Negra

“Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse
SIM!
“Que coisa é ser negra?”
Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
Negra!
E me senti negra,
Negra!
Como eles diziam
Negra!
E retrocedi
Negra!
Como eles queriam
Negra!
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
e mirei apenada minha carne tostada
E retrocedi
Negra!

E retrocedi . . .
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
E passava o tempo,
e sempre amargurada
Continuava levando nas minhas costas
minha pesada carga
E como pesava!...
Alisei o cabelo,
Passei pó na cara,
e entre minhas entranhas sempre ressoava a
mesma palavra
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Até que um dia que retrocedia , retrocedia e que
ia cair
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra!
E daí?

E daí?
Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra!
Negra
Negra!
Negra!
Negra sou
Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra!
Negra
Negra!
Negra sou
De hoje em diante não quero
alisar meu cabelo
Não quero
E vou rir daqueles,
que por evitar – segundo eles –
que por evitar-nos algum disabor
Chamam aos negros de gente de cor
E de que cor!
NEGRA
E como soa lindo!
NEGRO
E que ritmo tem!
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro
Afinal
Afinal compreendi
AFINAL
Já não retrocedo
AFINAL
E avanço segura
AFINAL
Avanço e espero
AFINAL
E bendigo aos céus porque quis Deus
que negro azeviche fosse minha cor
E já compreendi
AFINAL
Já tenho a chave!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO
Negra sou!”

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Janaina C. Teixeira; AGUIAR, Fernando J. Ferreira. Uma reflexão sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e a formação de professores em Sergipe.
- ARAÚJO, Artur Antonio dos Santos. Estereótipos: constituição, legitimação e perpetuação no discurso sobre o negro. 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-04022011-114700. Acesso em: 2016-11-09.
- BARCELLOS, Jessyca. Formação em psicologia e a educação das relações raciais: um estudo sobre os currículos de graduação em psicologia em porto alegre e região metropolitana. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia. Porto Alegre, 2016.
- Campanha Racismo na Infância: uma forma de maus tratos. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade. Site: <http://www.ceert.org.br/noticias/crianca-adolescente/9351/racismo-na-infancia-uma-forma-de-maus-tratos>. Acesso em: 10/11/2016
- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - <http://cpdoc.fgv.br/>
- CRUZ, Victoria Santa. “Gritaram-me Negra” . 2015. Disponível em: <http://feminismo.org.br/me-gritaram-negra-poema-de-victoria-santa-cruz/>. Acesso em: 10/11/2016.
- Faro, A e Pereira, M. E. (2011). Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse. Estudos de Psicologia. Natal, 16 (3), 271-278.
- FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. vol. 1 e 2. São Paulo: Àtica, 1978. p. 20.
- FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- GASPAR, Osmar Teixeira. Mídias – Concessão e Exclusão, um estudo sobre as concessões de rádio e televisão e sua influência nas relações raciais no Brasil contemporâneo. Dissertação de mestrado em Direito, Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial . Tempo Social, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 269-287, nov. 2006. ISSN 1809-4554. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12525>>. Acesso em: 21 nov. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702006000200014>.
- GUIMARÃES, M. A.C, PODKAMENI, A. B, Racismo: Um Mal-Estar Psíquico. In: BATISTA, L. E, WERNECK, J, LOPES, F. (orgs.). Saúde da População Negra. ABPN – Associação Brasileira de pesquisadores Negros. São Paulo: p. 224 – 239. 2012.

HASENBALG, Carlos. Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 73.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, Dec. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300002&lng=en&nrm=iso>. access on 21 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>.

MARTINS, Carlos Augusto de Miranda e. Negro, publicidade e o ideal de branqueamento da sociedade brasileira. *Rumores, Brasil*, v. 3, n. 5, aug. 2009. ISSN 1982-677X. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51157>>. Acesso em: 21 nov. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2009.51157>.

Nardi, H. C. (2006). *Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Racionais Mc's. *Album: Sobrevivendo no Inferno*, faixa: Capítulo 4, Versículo 3. 1997.

SILVA, Maria Lúcia. Racismo e os efeitos na saúde mental. I Seminário Saúde da População Negra. 2004

Winnicott, D. W. (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

Zamora, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. *Fractal, Rev. Psicol.*, Dez 2012, vol.24, no.3, p.563-578. ISSN 1984-0292.